

COLLECCÃO DE INÉDITOS

PUBLICADOS

PELA

Sociedade Propagadora

dos

Conhecimentos Uteis.

2.^o

COLLEÇÃO DE LITIGIOS

PARTE II

1854

Exercício de 1854

dos

Condomínios

1854

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA,

ESCRITAS

POR

FRANCISCO JOSÉ FREIRE,

PUBLICADAS COM ALGUMAS ANOTAÇÕES

PELA

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS.

PARTE SEGUNDA.

Trata do que pertence á pronunçiação.



LISBOA.

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

Rua Nova do Carmo N.º 39 — D.

—
1842.

REFLEXÕES

DE

A

LINGUA PORTUGUEZA,

DE

DE

FRANCISCO JOSÉ FERREIRA,

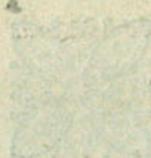
TORNADAS COM ALGUMAS ANOTAÇÕES

DE

SOCIEDADE PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS ÚTILS.

PARTI SEGUNDA

Trata do que pertence à pronúncia.



LISBOA

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.
Rua Nova do Carmo N.º 39 - B.

1842

REFLEXÕES

SOBRE

A

LINGUA PORTUGUEZA.

REFLEXÃO 1.^a

Sobre a verdadeira pronunciação de alguns nomes, que corre viciada pelo povo.

Não ha cousa tão frequente como ouvirem-se infinitas palavras com a pronunciação que não lhes é devida; e o peor é que o erro não é só do vulgo, mas tambem daquelles que, ou por sua educação, ou por seus estudos, deveriam não cahir nelle. A favor destes escrevemos esta Segunda Parte, na qual faremos varias reflexões sobre os erros que correm na pronunciação de diversos *nomes* e *verbos* na lingua portugueza, e daremos fim com um copioso vocabulario de palavras, que se pronunciam erradas, dando-se-lhes diversa terminação da que lhes compete, ou alterando as syllabas de que se compõem, umas vezes por diminuição, outras por excesso.

Um dos erros mais communs que ha na pronunciação é nos accentos das palavras, usando-se do agudo quando só tem logar o circumflexo, e do circumflexo quando

só se deve usar do agudo. Por exemplo; a cada passo se ouve dizer *pôços* em vez de *póços*; *suppôstos* em vez de *suppóstos*; *sequiôsos* por *sequiósos*, *hôrtos* em vez de *hórtos*; *rôgos* em lugar de *rógos* &c.

Pelo contrario dão accento agudo onde só compete o circumflexo, e dizem *fórros* em lugar de *fôrros*; *sórvos* em vez de *sôrvos*; *chóros* por *chôros*; *trócos* por *trôcos*; *pótros* por *pôtros* &c. Ignoram igualmente que temos muitos nomes que assim no singular como no plural conservam o accento agudo, como v. g. *nóssso*, *vósso*, *lógo*, *módo*, *cópo* &c., e assim cada um falla, segundo a defeituosa pronunciação da terra em que nasceu.

Não é do meu fim fazer aqui um catalogo exacto de todas as palavras que erradamente se pronunciam nas provincias, e ainda em diversos bairros de Lisboa, porque são bem sabidas, e até os mesmos que as dizem, se vivem por tempos na côrte, sabem que erram, mas para se não emendarem póde nelles mais o vicioso e inveterado costume que contrahiram com a educação.

Porem nos nomes que terminam em *ão* é que os erros são mais communs, quando se vem obrigados a dar-lhes plural. Por exemplo, dizem no singular, *cidadão*, *villão*, *cortezão* &c., e não sabem se no plural devem dizer *cidadães*, *cidadões*, ou *cidadãos*: *villães*, *villões* ou *villãos*: *cortezães*, *cortezões*, ou *cortezãos*. Como são muitas as palavras com estas terminações, em que os ignorantes se confundem, preciso se faz dar-lhes uma regra certa, para não errarem na pronunciação.

Quando se não souber como se hão de terminar no plural aquelles nomes que entre nós acabam no singular em *ão*, o remedio é recorrer á lingua castelhana, porque se o nome que nós terminamos em *ão*, ella acaba em *an*, havemos no plural dizer *aens*. Dizem por exemplo

os castelhanos *pan*, , *capitan*, *aleman*, *guardian*, *sacristan*, *catalan* &c.; devemos nós pronunciar *pães*, *capitães*, *alemães*, *guardiães*, *sacristães*, *catalães* &c. E esta regra entre nós não tem exceição, toda a vez que a palavra que terminamos no singular em *ão*, os castelhanos a terminarem em *an*, e no plural em *anes*.

Porem se os nomes que nós acabamos em *ão*, na lingua castelhana acabarem em *ano*, então devemos terminar no plural em *ãos*. Dizem v. g. os castelhanos *aldeano*, *villano*, *ciudadano*, *hermano*, *pagano*, *cirujano*, *hortelano*, *anciano*, *cortesano* &c., devemos nós no plural dizer *aldeãos*, *villãos*, *cidadãos*, *irmãos*, *pagãos*, *irurgiãos*, *hortelãos*, *anciãos*, *cortezãos* &c. Desta regra se exceptuam *escrivão*, *tabellião*, porque não obstante terminarem no portuguez em *ão*, e no castelhano em *ano*, devemos por costume dizer no plural *escrivães*, *tabelliães*.

Finalmente, se na lingua hespanhola acabarem em *on* aquelles nomes, que na portugueza terminam em *ão*, devemos terminar no plural em *ões*. Dizem os castelhanos *sermon*, *coraçon*, *opinion*, *afflicçon* &c.; devemos nós dizer no plural *sermões*, *corações*, *opiniões*, *afflicções* &c., e esta mesma terminação devemos dar aos nomes que são meramente portuguezes, e acabão em *ão*, e no castelhano não terminam em *ano*.

REFLEXÃO 2.^a

Sobre alguns nomes que só tem singular ou plural, segundo os exemplos dos melhores Classicos.

Aquelles que tem lição dos Auctores, que entre nós são textos da Lingua, sabem que elles nunca, ou rarissimas vezes deram singular a alguns nomes, aos quaes o pretendem dar alguns ignorantes modernos. De alguns fez catalogo o primeiro mestre da Lingua, João de Barros, na sua Grammatica Portugueza, como são *andas, calças, alforjes, grelhas, farellos, sementes, papas, migas, cominhos, hervilhas, tremóços, lentilhas, grãos, favas &c.*

Observamos tambem neste insigne auctor, que nunca deu singular a *bofes, pareas, tenazes e teouras*. Em outros Classicos achamos igualmente que rarissima vez deram singular a *delicias, caricias, divicias, visos, zelos* [por ciume] *melhoras &c.* Mas se destas palavras se encontrar algum raro exemplo de singular, creio que nenhum se achará de *primicias, sevicias* [em estilo forense] *exequias &c.*

Assim como ha nomes aos quaes os Classicos não deram singular, assim tambem ha outros a que não deram plural. E' doutrina commum, que não tem plural os quatro *elementos*, tomados na sua rigorosa significação, nem os nomes de todos os *ventos*, quando se falla de cada um, e menos os das cousas que tem medida e pezo, v. g., *liquidos, metaes, especiarias &c.* A palavra *vergonha* tambem em uma unica significação tem plural.

Temos igualmente observado nos mais antigos Clas-

sicos, que rarissimas vezes deram plural a *talento* na significação de habilidade e engenho, e não de certa quantia de dinheiro romano; comtudo dos modernos Vieira nos dá alguns exemplos no tom. 3. pag. 339, no 6. pag. 160, e no 7. pag. 504, e são os que bastam para defender de barbarismo a quem o usar. *Sorte* é que não tem plural, tomando-a por boa ou má fortuna; e João de Barros até quer que *gloria*, *fama* e *memoria* não tenham plural em rigor de boa linguagem, porem creio que fallava de *gloria* por bemaventurança eterna, e *memoria* por potencia da alma; porque em outras significações elle mesmo nas suas obras muitas vezes dá plural a estes dous nomes.

REFLEXÃO 3.^a

Sobre nomes que tem genero commum de dous ou duvidoso, ou que, tendo-o certo, não se lhes dá o verdadeiro.

Uma das grandes difficuldades que tem os pouco instruidos na lingua portugueza é atinar com o genero, que tem alguns nomes; por isso umas vezes lho dão masculino, outras feminino. Porem o mais é que até os que estudam em fallar bem, se acham muitas vezes neste ponto perplexos, porque graves auctores dão a um mesmo nome já o genero masculino, já o feminino.

Commummente se faz masculino o nome *personagem*, e os que assim o fazem tem a seu favor, entre outros auctores de credito, a Francisco Rodrigues Lobo em

diversos logares das suas obras. Porem o Padre Vieira no 1. tom. das suas Cartas, pag. 122, lho dá feminino, dizendo: « *Que me abstenha de escrever áquella personagem, a quem escrevi &c.* », no tom. 2. dos Sermões, pag. 217, no 5. pag. 226 e 489: no 7. pag. 222: no 10. pag. 486 e 494 sempre lhe dá o genero feminino.

Uns, com a auctoridade do mesmo Padre Vieira, dizem o *ametisto* e *safiro*; outros seguindo a pronunciação reinante, dizem a *ametista* e a *safira*. *Enthimema*, que quasi todos fazem do genero masculino, fez Manuel Thomaz feminino, dizendo no liv. 7. est. 147 da sua *Insulana*: « *com gloria singular de alta enthimema*. O mesmo auctor na sobredita Estancia fez tambem feminino a *epifonema*; mas Vieira lhe deu o genero masculino no tom. 9. pag. 71, onde diz: « *Aqui entra em seu logar o celebre epifonema* » &c.

Não ha tambem hoje cousa tão vulgar como fazer masculino o nome *epigrafe*, e Varella, auctor bastante-mente culto, o faz feminino, dizendo no seu *Num. Vocal*. pag. 393: « *Simbolos que dão corpo á epigraphé*. Este nome *commum* sempre entre os melhores *Classicos* se applicou a ambos os dous generos, e diziam homem *commum*, agua *commum*; hoje porem será pronunciação atrevida não dizer agua *commua*. A palavra *piramide*, que hoje é feminina, fez masculina Lobo na *Primavera* pag. 189, e outros *Auctores*. A palavra *sujeito* é igualmente *commum* de dous, como se acha a cada passo na *Historia* de Fr. Luiz de Souza. Tambem antigamente, como consta de Duarte Nunes de Leão, pag. 38, *arvore* era do genero masculino, *feitor*, *peccador* e *inventor* *commum* de dous. Por isso João de Barros, na sua *Grammatica*, pag. 3. disse: « *Nicostrata, madre de Evandro, foi inventor de 17 letras do Abecedario*. Porem na pag.

9. verso, ainda os termos são mais claros, dizendo: « *Todo o nome que convem a homem e a mulher será commum a dous, como inventor, taful*. Presentemente sem controversia deve-se dizer *inventora*.

O nome *grude* commummente o fazemos masculino; porem Bluteau quer que seja feminino; e segundo o mesmo auctor se deve tambem dizer o *sege* e não a *sege*, o *tribu* e não a *tribu*, a *pilastra* e não o *pilastre*, a *alcorça* e não o *alcorce*, o *escandalo* e não a *escandula*: uns *anecdotos* e não umas *anecdotas*, *asca* [por aversão] e não *asco*. O nome *catastrofe* presentemente fazem alguns feminino, porem são muitos os logares em que Vieira o fez masculino. No mesmo auctor achamos *sincope* masculino, sendo termo da medicina, e feminino sendo figura da Syntaxe. Vide tom. 3. pag. 250, e Brito na Chronica de Cister sempre diz a *scisma* e não o *scisma*.

Já que fallamos em figuras, muitas tem a rhetorica, as quaes uns fazem do genero masculino, outros do feminino, especialmente *hiperbole*, *apostrofe*, *sinedoche*, *perifraxe*, *hipotipose*, *enfase* &c. Em Vieira acha-se quasi sempre o *hiperbole*, o *apostrofe*, e o *enfase*: ás outras figuras dá o genero feminino.

Tambem os nomes *fantasma*, *buraco*, *espia*, *guarda*, *guia*, *vigia*, *lingua*, *infante* &c. fazem muitos communs de dous, dizendo uns os *espias*, outros as *espias*; os *guardas* e as *guardas*; o *guia* e a *guia*; o *lingua* e a *lingua*; o *vigia* e a *vigia*; o *infante* e a *infante*; o *fantasma* e a *fantasma*; o *buraco* e a *buraca*. Temos observado em Vieira, especialmente nas suas Cartas, que quasi sempre faz a estes nomes do genero masculino, dizendo o *espia* do exercito, o *lingua* da terra, o *guia* do certão &c. *Guardas* é que elle faz mais vezes do genero feminino que do masculino; *vigia* e *cabeça* commum de

dous, chamando a Adão umas vezes o *cabeça*, outras a *cabeça* do genero humano. Tambem se acha *regueiro* e *regueira* em livros que tratam da cultura dos campos; *espinho* e *espinha*; *ramo* e *rama* &c. *Syrtes* por bancos de areia fez do genero masculino Chagas no tom. 2. das Obras Espirituaes, pag. 407, e feminino Gabriel Pereira na Ulissea, cant. 1. est. 24. Tambem *torrente* fazem todos hoje do genero feminino, mas Vieira no tom. 9. pag. 16 o faz masculino, e não menos Galhegos no Templo da Memoria L. 2. est. 96.

Por fim os medicos tomaram a liberdade de darem a alguns nomes de enfermidades já o genero masculino, já o feminino; e assim dizem o *sincope* e a *sincope*; o *pleuriz* e a *pleuriz*; o *aneurisma* e a *aneurisma*; o *apostema* e a *apostema* &c. Com a nova introduccão de alguns modos de fallar proprios da lingua franceza e não da portugueza, tem muitos alterado os generos de varios nomes, não lhes dando aquelle que elles sempre tiveram, como v. g. dizendo a *moral* e não o *moral* &c.; porem os bons cultores da Lingua não só não seguem, mas abominam estas e outras semelhantes introduccões, apoiadas pela moda, que em tudo predomina.

REFLEXÃO 4.^a

Sobre a terminação de alguns superlativos.

Não é pouca a difficuldade que acham os cultos na formação de alguns superlativos, especialmente no de *humilde*, *fragil*, *facil*, e de outros nomes que acabam em *il*. Pretendem alguns criticos que possamos dizer com

o exemplo de Vieira no tom. 5. pag. 184, col. 2. *humilissimo* á maneira dos italianos, ou segundo os hespanhoes, que dizem *humildissimo*. Outros querem que só se deva dizer *humillimo*, imitando aos latinos, e para esta formação trazem o exemplo de Camões, que disse: «*Tornou em baixa e humillima miseria*» &c. A verdade é que Bluteau só traz *humillimo* e não *humilissimo*, e allega unicamente o exemplo de Camões; porem se é segura a regra que elle nos dá no seu Vocabulario na palavra *superlativo*, podendo nós dizer *facillimo* e *facilissimo*: «pela fresta da abobada, pela qual entrou *facilissimamente*,» Chron. de Cister pag. 780; *fragillimo* e *fragilissimo*; porque não poderemos tambem dizer *humilimo* e *humilissimo*? O que é certo é que não valem as auctoridades dos bons latinos, para podermos dizer [como alguns dizem] Muito Reverendissimo Excellentissimo &c.

Maximo é superlativo de grande; *optimo* de bom; *pessimo* de mau; *pauperrimo* de pobre; *celeberrimo* de celebre; *asperrimo* de aspero; *integerrimo* de inteiro; *miserissimo* de misero; porem são muitos os exemplos classicos que a grande dão o superlativo de *grandissimo*; a bom o de *bonissimo*; e a máu o de *malissimo*. Tambem se diz *pobrissimo*, *celebradissimo*, *asperissimo*, *inteirissimo*, como provam bons exemplos. Advertimos por ultimo que ha muitos nomes, aos quaes os nossos melhores auctores nunca deram superlativo, como v. g. *leal*, *enfermo*, *ferido*, e outros, em que facilmente advertirá quem ler por livros de pura linguagem.

Aqui convem advertir aos que cuidam pouco em falar com pureza que erram quando dizem: «*N... é o mais bom ou o mais mau homem do mundo*,» em vez de dizerem o *melhor* ou o *peior* homem &c. Do mesmo modo é erro dizer-se: «*Este é o mais grande edificio que tem*

Portugal, » em logar do maior edificio &c. Estes erros são trivialissimos, até naquelles que tem obrigação de fallar bem.

REFLEXÃO 5.^a

Sobre o uso de alguns adverbios e interjeições.

Quem bem observar aos que fallam portuguez sem correcção achará que a cada passo confundem o uso dos adverbios *aonde* e *donde*. Dizem sem entrar em duvida *Donde estiveste*, ou *aonde estiveste? Onde vens? &c.* Para instrucção destes ignorantes já João de Barros na sua Grammatica advertiu, que *aonde* só significa aquelle logar onde alguém esteve ou está, fez ou faz alguma coisa, e assim se diz « *Aonde estiveste, que ha tanto que te não vejo?* Por figura da syntaxe tiraram os nossos antigos poetas uma letra a este adverbio, e disseram *onde* em vez de *aonde*. Tomou a prosa esta liberdade da poesia, especialmente nos adverbios *por onde* e *para onde*; pois se não diz *por aonde foste* ou *para aonde vais?* Vieira propriissimamente no tom. 3. pag. 204. « O deserto é o *donde*, o deserto o *por onde*, o deserto o *para onde* sobe quem sobe ao ceu. »

Donde é só para perguntar o logar donde alguém vem ou veio, e por elle perguntâmos: *donde vens, donde vieste, donde veio &c.*; de maneira que é erro crassissimo tanto o dizer *onde vens?* como *donde estiveste?*

No adverbio *nunca* tambem ha um grande abuso, pois servindo elle só para tempo passado ou futuro, v. g. *Eu nunca tal fiz, nem nunca tal farei*, não são pou-

cos os que usam delle junto com o tempo presente, dizendo: *Eu nunca tal faço*, em vez de dizerem: *Eu jamais faço tal*.

O adverbio *acaso* ou *casualmente* não é, como imaginam infinitos, synonimo de *talvez* ou *por ventura*; porque *acaso* no uso dos nossos melhores mestres só se applica bem a cousas, não prevenidas nem esperadas, mas vindas de improviso. Por isso não falla com rigorosa propriedade quem diz: *Acharás esta rasão acaso mais frivola do que eu imagino*. Só dirá bem dizendo: *talvez* ou *por ventura* mais frivola do que eu imagino.

Tenho observado em bons Auctores, particularmente em Vieira, que raras vezes ajuntam a nome o adverbio *assaz*, mas sim a verbo, por onde, em vez de dizerem *assaz* rico, sabio, valente, &c. dizem *muito* rico, sabio, valente, &c. Seguem neste uso a propriedade da lingua latina, na qual não é mui frequente ajuntar *satis* a nome, posto que se achem alguns exemplos classicos.

Segundo a observação, que temos feito em os nossos melhores Auctores, *postoque*, e *indaque* levam o verbo ao conjunctivo; e assim é pouco seguro dizer-se — *postoque eu digo*, ou *indaque eu faço*, &c. Diremos de caminho, que temos observado no insigne Vieira usar raras vezes de *indaque*, em comparação das infinitas, em que usa de *postoque*.

O adverbio *facilmente* significando, á maneira dos latinos, o mesmo que *sem controversia*, acho-o mui válido de alguns modernos, dizendo, v. g. [segundo lemos em certa Oração] *Vieira facilmente principe dos nossos oradores*, e *Camões facilmente Homero entre os epicos de Hespanha*. Não sabemos com que bom exemplo se defendirão os que assim dizem, porque nós ainda o não podemos descobrir em prosa classica. Advertimos igualmente

que os criticos tem por erro de pleonasmio dizer-se: *mas porem e mas comtudo*. O certo é que nós ainda não lhes achámos exemplos seguros. O mesmo dizemos de *nunca jámais*, que a cada passo se encontra em diversos livros de inferior nota.

Pelo que respeita ás interjeições, querem alguns criticos modernos que a de *Oh* sirva para exprimir dor, e sentimento, e a de *O'* para admiração, applauso, escarneo, detestação e chamamento. Para assim dizerem não sei em que seguros exemplos se fundam. O que acho nos Classicos é servir a interjeição *O* sem *h* tanto para sentir, como para admirar, escarnecer, chamar &c. *Ah* é interjeição não só de sentimento, mas de pedir soccorro, como v. g. *Ah que d'El-Rei, Ah que do povo &c.* *Ahi*, não é, como muitos imaginam, interjeição dolorosa, confundindo-a com *Ai*, mas admirativa, que serve para quando nos admirâmos de alguma cousa repentina. *Hui* é interjeição de queixa, ou admiração e zombaria, segundo Barros na sua Grammatica. *Oy* dá-se já por antiquado. Repare bem nestas significações o escriptor principiante, porque é mui frequente confundir umas com outras áquelles que não sabem fallar. Lêa pelos Classicos, observe-os, e imite-os na applicação destas interjeições.

REFLEXÃO 6.^a*Sobre a diversa terminação de alguns nomes diminutivos.*

E' cousa mui vulgar errarem na formação dos diminutivos aquelles, que nenhum estudo tem da lingua portugueza. Entendem, que em terminando o nome em *inho*, e *inha*, tem formado o diminutivo; porem enganam-se como mostrará o que vamos a dizer, fundados nas auctoridades dos melhores mestres da lingua.

Ha um grande numero de nomes, que acabando em *o*, perdem a dita letra para formarem diminutivos, e entra em lugar della um *inho* ou *inha*. Segundo esta regra, de arco se forma *arquinho*, de beigo *beicinho*, de bicho *bichinho*, de bocado *bocadinho*, de bico *biquinho*, de velho *velhinho*, &c.

Esta é a genuina terminação, que sempre deram os bons Auctores aos diminutivos de nomes, que no singular acabam em *o*. Algumas excepções [mas poucas] tem esta regra; por que se acha nos Classicos formado de abano o diminutivo *abanico*, e não *abaninho*; de bolo *bolinholo*, sabem que igualmente se diz *bolinho*; de brocado *brocadilho*, de fosso *fossete*, de rio *riacho*, de tolo *tolete*, de velhaco *velhaquete*, posto que tambem se diga com exemplos menos seguros *tolinho*, e *velhaquinho*.

Os nomes femininos, que no singular terminam em *a*, fazem tambem pelo commum o diminutivo em *inha*, como *caminha*, se bem que Francisco Rodrigues Lobo na sua Côrte na aldea disse *camilha*; *mocinha* [posto que a maior parte dos cultos dissessem *moçazinha*] *jornadinha*, *arquinha*, *rosadinha*, *picadinha*, *barbinha*, *moradinha*,

feridinha, *chaguinha*, e outros muitos nomes que não apontamos por não fazermos de cousas triviaes prolixos catalogos. Bastam estes exemplos para mostrar que aquelles nomes, que acabam em *a*, formam por via de regra o diminutivo em *inha*, exceptuando alguns, que por costume terminam em *zinha*, como *camarazinha*, *codeazinha* e outros, que intimará o uso e lição de bons Auctores.

Os nomes porem, que acabam ou em letra consoante, ou no dithongo em *ão*, formam o diminutivo em *zinho*, ou *zinha* sem perderem letra alguma das que tinham antes de passarem para diminutivos. E assim de homem diz-se *homemzinho*; de pastor *pastorzinho* [e não *pastorinho*, como alguns dizem] de flor *florzinha*, de imagem *imagemzinha*, de mulher *mulherzinha*, e quando se diz *mulherinha*, então não significa menina já crescida, mas mulher de pouco porte.

Pelo que respeita ao dithongo em *ão*, de bordão formamos *bordãozinho*, de cão *cãozinho*, de coração *coraçãozinho*, de ladrão *ladrãozinho*, de consolação *consolaçãozinha*, de lição *liçãozinha*, &c. Exceptua-se grão, que faz *granito*, verão, que faz *veranico*, e outros que ensinará o uso, e a observação nas obras dos bons mestres.

Por ultimo concluiremos, que os nomes que acabam em *e*, formam tambem o diminutivo em *zinho* ou *zinha*, como v. g. de monte *montezinho*, de fonte *fontezinha*, de pobre *pobrezinho*, de parte *partezinha*, de ponte *pontezinha*, ou *ponticula* no uso da architectura militar, segundo achamos no *Methodo Lusit.* pag. 173. Tambem acabam commummente em *zinho* os substantivos, que terminam em *al*; e assim dizemos *cristalzinho*, *coralzinho*, *cabedalzinho*, *officialzinho*, *memorialzinho*, &c. Ex-

ceptuam-se alguns, que os bons Auctores mais terminaram em *ejo*, do que em *zinho*, como v. g.: *quintalejo*, *animalejo*, *logarejo*, *realejo*, e outros que omittimos, remettendo ao leitor ignorante para o uso dos cultos, e para a lição dos **Classicos**.

REFLEXÃO. 7.^a

Sobre alguns participios, cuja pronunciaçãõ corre viciada.

Em nenhuma cousa talvez erram mais os que fallam, e escrevem sem correção, do que na pronunciaçãõ de muitos *participios*. Os Auctores **Classicos** sim os ensinam a acertar; mas elles, como de toda a erva fazem feixe confundem os escriptores de auctoridade com os de inferior classe; para elles tanto são uns como outros. Daqui vem usarem sem discernimento em um mesmo nome, já de uma pronunciaçãõ, já de outra, sem lhes importar qual dellas seja a genuina. Porem destas palavras daremos no fim desta 2.^a Parte um copioso catalogo; e por ora trataremos só de alguns participios, cuja verdadeira pronunciaçãõ commummente se erra.

A cada passo contra o uso dos nossos Auctores mais **Classicos** encontramos em livros, e ouvimos em conversações *absolvido* por *absolto*; *afflicto* por *affligido*; *apprehenso* por *apprehendido*; *pretenso* por *pretendido*; *erecto* por *erigido*; *completado* por *completo*; *involvido* por *involto*; *oppresso* por *opprimido*; *redemido* em vez de *remido*; *resolvido* em lugar de *resoluto*; *submerso* por *sub-*

mergido; *sorprendido* por *sorpreso*; *suscitado* em vez de *resuscitado*; *volto* por *voltado*; *asperso* por *aspergido*; *illudido* por *illuso*; *eneendido* por *acceso*; *inextinguído*, e *extinguído* por *inextincto*, e *extincto*. Dizem também *rompido* em lugar de *roto*; *morrído* em vez de *morto*; *absorbido* por *absorto*; *abstracto* por *abstraido*; *elegido* por *eleito*; *exhaurido* por *exhausto*; *enchido* por *cheio*, e outros muitos, que agora nos não lembram. Quem quizer ver os exemplos que provam a legitimidade destas pronunciações, busque-as no Vocabulario, que daremos no fim desta 2.^a Parte, ou no de Bluteau em seus proprios lugares. Advertimos, que posto que em Vieira se ache alguma vez *afflicto* por *affligido*, não basta um ou outro exemplo, sendo infinitos os em que diz *affligido*, como genuina pronunciação dos Classicos anteriores.

REFLEXÃO. 8.^a

Sobre a pronunciação breve, ou longa de algumas palavras, e nomes proprios.

Deseulpo aquelles, que faltos de bons principios ignoram quando hão de fazer breve, ou longa a syllaba penultima de algumas palavras e nomes proprios; porque não ha um unico livro em portuguez, que os instrua. Não são poucos os que tratam da orthografia, mas nenhuma ha, que trate da pronunciação longa, ou breve de muitas palavras. Por isso nesta parte se ouvem commummente infinitos erros, com especialidade naquellas pessoas, que ignoram a lingua latina. Em serviço destas faremos aqui

menção de algumas vozes, cuja pronúncia corre errada, fazendo-se umas vezes breves, e outras longas contra a sua derivação e origem.

Comecemos pelas breves: a *Alcidamo*, nome proprio de um antigo lutador, fiseram longo alguns dos nossos poetas, sendo breve segundo os gregos e latinos. Os mesmos dão também erradamente a penultima longa a *Climene*, *Democrates*, *Herodoto*, *Jolo*, *Patroclo*, *Praxiteles*, *Telemaco*, *Timagenes*, *Xenocrates*, *Epheso*, *Numida*, *Proselyto*, *Lachesis*, &c. Quem quizer observar estes erros, tome o trabalho de lêr a *Insulana* de Manuel Thomaz, e a outros poetas da mesma classe.

Com a mesma viciosa liberdade, com que estes fazem longa a penultima syllaba dos sobreditos nomes, fazem também breve a de outros, que constantemente a tem longa. Taes são *Abdolomino*, *Archia*, *Arrio*, *Andronico*, *Heraclyto*, *Heraclyo*, *Iphigenia*, *Copernico*, *Gargano*, *Cleobulo*, *Cardona*, *Nocera*, *Thessalonica*, *Seleucia*, *Samaria*, *Nicomedia*, *Periferia*, *Monomaquia*, *Helena* [posto que seja breve entre os gregos e latinos], *concláve*, *rubrica*, e outros muitos, aos quaes erradamente se dá a penultima breve.

Outros nomes ha, cuja syllaba penultima é entre nós commum, isto é, que se póde fazer breve ou longa, porque tem a seu favor exemplo nos nossos bons poetas. Taes são *académia* ou *academia*; *Agátocles* ou *Agatócles*; *Démocles* ou *Demócles*; *E'dipo* ou *Edípo*; *Péricles* ou *Perícles*; *Sóphocles* ou *Sophócles*; *Cleópatra* ou *Cleopátra*; *polícia* ou *policía* [se bem que os mais cultos sempre a fazem breve] *eucharístia* ou *eucharistía*; *océano* ou *oceano* ainda que são raros os exemplos de a breve]; *ímpia* ou *impía*, se bem que só no verso se admitte a penultima longa; *ímpares* [numeros] ou *impáres*; porem do a

nuel nas suas poesias; mas sendo no estilo jocoso é permittida.

Eufrosina com a penultima longa, postoque no latim seja breve, porque prevaleceu entre nós a dita pronunciação, assim como em *Dorothea*, que tambem na lingua latina tem o *e* breve.

Eulalia é que se deve pronunciar, e não *Eulaia* ou *Olaia*, como dizem os que não sabem.

Federico devemos dizer, e não *Frederico*, imitando a pronunciação das linguas estrangeiras.

Genovefa e não *Genoveva* ou *Genueva*, como dizem ordinariamente os que não sabem fallar.

Gertrudes é a pronunciação genuina: o povo umas vezes diz *Getrudes*, outras *Geltrudes*.

Guilherme é a nossa pronunciação verdadeira de *Guilhelmo*; porem se fallarmos de alguma pessoa estrangeira com este nome, diremos [imitando a Vieira] *Guilhelmo* e não *Guilherme*.

Guiomar, antigo nome portuguez, e hoje ainda usado na classe da nobreza: dizer *Guimar* é pronunciação errada.

Iria, particular nome portuguez, e não *Eiria*. Na linguagem dos poetas é *Irene*.

Jorge e não *Jorze*, como diz o vulgo. Talvez pronunciavam melhor os nossos antigos, dizendo *George*.

Leonor, e não *Leonor* ou *Lionor*. Vieira fallando de pessoa estrangeira com este nome diz sempre *Leonora* e *Eleonora*. Veja-se o 1. tom. das suas Cartas.

Magdalena e não *Madanella*, como de ordinario pronuncia a plebe ignorante.

Mango e não *Mancio*, como se dizia em outras idades, assim como *Mecia* e não *Mexia*. Nome derivado de *Mango*.

Natalia é a legitima pronunciação: dizer *Nataria* á maneira do povo é erro.

Onofre e não *Inofre*, como vulgarmente dizem aquelles que presumem de cultos.

Peregrino e não *Perigrino*, *Pelegrino* ou *Pelingrino*, como pronuncia a plebe.

Petronilla e não *Petronilha*, como achamos em alguns livros de auctores que não são de infima classe.

Policarpo e não *Poliecarpio*, como diz o vulgo, e se acha em alguns escriptos impressos.

Quiteria é a pronunciação verdadeira; e já Duarte Nunes de Leão dá por erro dizer-se *Guiteria*.

Rosalía com o *i* longo querem os criticos modernos que se pronuncie, e não com a penultima breve.

Sebastião; já se não póde dizer, imitando aos antigos, *Bastião*, senão em estilo jocoso.

Theodora e não *Theadora*, que se acha em uma obra de Fr. Simão de Santa Catharina, para aproveitar o equivoco de *te adora*.

Theotonio e *Theodosio*: não ha pronunciação errada tão frequente como dizer-se *Theatonio* e *Theadosio*.

Timotheo é como se deve pronunciar; mas são raros os que não dizem *Timothio*.

Truillo é nome raro, mas poucas vezes se pronuncia bem, porque uns dizem *Troillo*, outros *Turillo*. A pronunciação dos cultos é *Turilo*, porque vem de S. Turilo Martyr, ou de S. Turibio Bispo de Astorga. Os que lhe acrescentam o *r*, seguem a antiga pronunciação.

Vicente e não *Vincente*, como pronunciaram muitos do seculo passado, imitando ainda aos auctores do decimo sexto. Bluteau é um destes, posto que, quando escreveu o seu Vocabulario, já constantemente se pronunciava *Vicente*.

Despedir: grande controversia ha sobre se se hade dizer *eu me despido* ou *eu me despesso*. Esta pronunciaçãõ é do uso reinante, mas a primeira é não menos que de Vieira em mais de um logar das suas obras. Na 5.^a pag. do tom. 1., escrevendo ao principe D. Theodosio, lhe diz: «Eia, meu principe, *despida-se* vossa alteza dos livros» &c. No tom. 2. pag. 343, disse tambem: «Com esta ultima advertencia vos *despido*, ou me *despido* de vós» &c. Seguiu este Classico a Duarte Nunes de Leão na sua Orthographia, o qual fazendo um catalogo de varias pronunciações que se deviam emendar, diz na pag. 70 *despido-me*, e não *despesso-me*. Os rigoristas estão ainda pelos exemplos de Vieira e de outros bons.

Despir, verbo anomalo. *Dispo*, *despes*, *despe* &c. *Despe tu*, *dispa elle*, *dispamos nós*, *despi vós*, *dispam elles* &c.

Destruir para Vieira era verbo regular, assim como *consumir*, dizendo: *destrues*, *destrue*, *destruem*, *consumes*, *consume*, *consumem*; e não *destroes*, *destroe*, *destroem*, *consomes*, *consome*, *consomem* &c. Veja-se o tom. 10 pag. 22. col. 3. Seguiu nesta pronunciaçãõ aos Classicos antigos.

Doêr, verbo neutro, cuja conjugação é: *dóe-me a mim*, *dóe-te a ti*, *dóe-lhe a elle*; ou *a mim me dóe*, *a ti te dóe* &c.; e não *Eu me dôo*, *tu te dôes*, *elle se dóe* &c. porque é entre os bons auctores verbo neutro nesta significação. Em outras é que deixa de o ser, e póde-se conjugar: *eu me dôo* &c.

Dormir, verbo irregular, que se conjuga: *eu durmo*, *tu dormes*, *elle dorme* &c. Segue a mesma conjugação de *fugir*, *engolir*, e outros.

Enxerir e não *inxerir* [como pertende Madureira] é verbo irregular, que se conjuga: *enxiro*, *enxeres*, *enxere* &c.; e não *enxires*, *enxire*, como diz o vulgo.

Ferir: verbo anomalo: *eu firo, tu feres, elle fere* &c.; a plebe costuma-o fazer regular, dizendo *fires, e fire* &c.

Fregir conjuga-se como *ferir*: *eu frijo, tu freges, elle frege* &c.; o vulgo pronuncia *friges, frige* &c.

Historiar não é verbo anomalo, como muitos imaginam, mas regular, e conjuga-se: *historío, historías, história, e não historeio, historêas, historêa* &c. Segue a mesma conjugação de *gloriar, copiar, allumiar* &c.

Impedir. Nos nossos melhores auctores acho-o conjugado: *eu impido, tu impides, elle impide* &c. Duarte Nunes na Origem da Lingua Portugueza, pag. 124, diz: «Adherencia é a que entre nós *impide* fazer-se justiça» &c. Fundados neste exemplo e em outros de diversos Clássicos, especialmente de Vieira, é que ainda alguns não querem fazer irregular este verbo, dizendo: *impido, impedes, impede* &c., como hoje diz a maior parte dos modernos.

Medir, verbo anomalo nas primeiras pessoas do singular de todos os modos, porque não se diz á maneira da plebe: *eu medo ou mido, mas eu meço, tu medes, elle mede* &c. No imperativo *mede tu, meça elle, meçamos nós, medi vós, meçam elles* &c.

Negocear e não *negociar*, porque a sua conjugação verdadeira é: *eu negoceo, tu negocêas, elle negocêa* &c., e não *eu negocio, tu negocias, elle negocia* &c.

Palliar. A seguir o uso hade-se conjugar: *palleio, pallías, pallía* &c.; mas visto escrever-se *palliar* e não *pallear*, devia em rigor pronunciar-se *pallío, pallías, pallía* &c., como alguns escrupulosos da pureza da Lingua constantemente pronunciam.

Penitenciar. Achamos em alguns livros de boa classe conjugado: *penitencío, penitencías, penitencía* &c.; po-

longo não são muito classicos os exemplos. Quem quizer instrucção mais copiosa de outros muitos nomes, cuja pronunciação breve ou longa for para elle duvidosa, observe os nossos poetas de boa nota, porque só estes, por conta dos consoantes ou dos accentos do verso, é que podem tirar toda a dúvida. Para as palavras que nelles se não encontrarem, recorre-se ás linguas donde as ditas vozes trouxeram a sua origem.

Com o exemplo do Padre Pomey, que no seu dictionario fez um catalogo de nomes proprios, que communmente se tomam no baptismo, não parecerá inutil fazermos nós o mesmo, mas só daquelles nomes, cuja pronunciação anda mui viciada entre o vulgo, e talvez que tambem entre aquelles que se presam de o não ser.

A'gada: os nossos antigos diziam *Agueda*; mas hoje prevalece a pronunciação tirada do latim *Agatha*.

Antonio: os antigos diziam tambem *Antão*; mas hoje é pouco usado, e só se conserva em algumas familias illustres. Em linguagem poetica diz-se *Tionio*.

Apollinar: outros sem exemplo moderno pronunciam *Apollinario*, e um destes é o Padre Bluteau em muitos logares.

Apollonia: o vulgo diz *pollonia*, mas é syncope de que os cultos não usam. Os poetas trocam *Apollonia* em *Delia*.

Agostinho: dizer hoje *Augustinho* é erro, posto que se ache em alguns antigos Sermonarios.

Balthasar e não *Balthesar*, como hoje diz communmente o povo; e posto que se ache em alguns Classicos esta pronunciação, tem-se já por viciosa.

Barbara e não *Barbora*, como erradamente diz o vulgo, e até se acha em alguns livros antigos.

Bartholomeu é que se deve pronunciar; dizer *Bertolameu* ou *Bartolameu* é erro.

Bautista e não *Baptista* tem a seu favor exemplos da primeira auctoridade, especialmente de Vieira.

Belchior é a pronunção corrente: *Melchior* é antiquada, sendo aliás a dos nossos escriptores antigos de melhor nota.

Brigida e não *Brizida*, como diziam os antigos, e hoje pronuncia ainda não só o vulgo, mas os que presumem de fallar bem.

Brites: no seculo 16.^o tambem se pronunciava *Beatriz*. Hoje seria pronunção antiquada.

Catharina e não *Catherina*, seguindo aos latinos. Na linguagem poetica é *Corina*.

Cecilia e não *Cezilia*, como costuma pronunciar a plebe, a qual diz tambem *Cizilia*.

Cunegundes, nome entre nós desconhecido, mas usado em Alemanha. Em alguns livros se acha sem fundamento *Cunegunda*.

Costança e não *Constança*, se bem que esta segunda pronunção tem a seu favor votos de pessoas cultas.

Diniz é entre nós o mesmo que *Dyonisio*. O povo diz commummente *Diniz*, e tem gente polida que o segue, fallando e escrevendo. Em Vieira no tom. 2. pag. 3. acha-se *Dionisio* por *Diniz*, fallando do rei de Portugal que teve este nome.

Duarte e não *Eduardo*, posto que seja esta a pronunção em outras linguas. Se quem tiver este nome for portuguez, devemos dizer *Duarte*, se for estrangeiro, *Eduardo*, seguindo a regra que observou o Padre Vieira.

Engracia: o povo diz *Gracia*, e por figura de syntaxe achamos a mesma pronunção em D. Francisco Ma-

REFLEXÃO 9.^a*Sobre os erros que se commettem na conjugação de alguns verbos.*

Não foi leve o damno que fizeram á Lingua Portugueza os seus antigos vocabulistas em não deixarem aos vindouros conjugados os tempos e modos de alguns verbos, já regulares, já anômalos. Contentaram-se com apontar delles só o *infinito*, e nisto deixaram largo campo para erros e disputas.

A fim de evitar estes erros o escriptor principiante, apontaremos nesta Reflexão a genuina pronunciação dos tempos e modos de muitos verbos regulares e irregulares, para que não succeda erra-los, ou nas composições litterarias, ou nas conversações polidas.

O verbo *acariciar* conjuga-se: eu *acaricio*, *acaricias*, *acaricia* &c., e não *acareceio*, *acarecêas*, *acarecêa*, como dizem os que não sabem.

Açular e não *Assolar*, porque se conjuga: eu *açulo*, *açulas*, *açula*, e não *assollo*, *assolas*, *assola* &c.

Admittir é verbo regular, e não anômalo, como o fazem os ignorantes, dizendo: eu *admitto*, *admettes*, *admette*, devendo dizer: *admitto*, *admittes*, *admitte* &c.

Advertir é anômalo, porque nas pessoas de alguns tempos troca a syllaba *ver* em *vir*, como: eu *advirto*, *advertes*, *adverte*, *advertimos*, *advertis*, *advertem* &c.

Agencear. É erro dizer: *agencio*, *agencias*, *agencia* &c.; deve-se conjugar *agencio*, *agenceias*, *agencia* &c.

Allumiar. Erram os muitos que dizem: *allumeio*, *allumêas*, *allumêa* &c., devendo dizer com Vieira e todos os classicos: *allumio*, *allumias*, *allumia* &c., e se bem que neste Classico muitas vezes se acha *allumêa* &c.

deve-se ter por erro, ou do copista ou do corrector da impressão, como mostra em alguns tomos a fé das erratas.

Arrear. Quer Madureira na sua *Ortographia* que se conjugue *arrío, arrías, arría &c.* Mas o uso constante, como pronuncia *arrear* e não *arriar*, também conjuga, *arreio, arrêas, arrêa &c.*

Carpir é verbo irregular e defectivo, porque começa a sua conjugação pelo plural do presente do indicativo: *carpimos, carpís*, e falta-lhe a terceira pessoa, e substitue-se dizendo *estão carpindo*. Quem quizer fazer regular a este verbo e aos outros defectivos, ajunte-lhe o verbo auxiliar *estar*.

Competir é verbo irregular, porque se conjuga: eu *compito*, tu *competes*, elle *compete &c.*, e não *compito, compites, compite &c.*

Construir quando significa o mesmo que verter de uma lingua para outra, é verbo irregular, e conjuga-se: *construo, constróes, constroe &c.* Quando val o mesmo que *edificar* é verbo regular, e conjuga-se: *construo, construes, construe &c.*

Convir, quando significa ser conveniente, é impessoal, e conjuga-se: *convem-me a mim, convem-te a ti, convem-lhe a elle &c.*, e assim vai seguindo os outros tempos. Quando val o mesmo que fazer convenção, é pessoal, e conjuga-se *convenho, convens, convem &c.*

Copiar. Erram muitos que dizem *copeio, copeias, copeia*, devendo conjugar á maneira dos bons auctores *copio, copías, copia &c.*

Degirir e não *digerir* [como quer Madureira na sua *Ortographia*] é o que acho em alguns auctores, conjugando *degiro, degeres, degere &c.* Segundo a pronunciação do sobredito orthographo deveria dizer-se *digero*, observando a conjugação regular.

rem o uso fez prevalecer *penitencio*, *penitencêas*, *penitencêa* &c.

Perder, verbo irregular: *eu perco*, *tu perdes*, *elle perde* &c.; a plebe diz *perdo*, *perda elle*, *perdam elles*, *que perda eu*, *que perdas tu*, *que perda elle* &c.

Polir. Acho em bons auctores defectivo a este verbo no singular do presente, porque não dizem: *eu pulo*, *tu pules*, *elle pule* &c., mas *eu estou polindo*, *tu estás polindo*, *elle está polindo* &c. No imperfeito e perfeito já todos o conjugam sem o socorro do verbo auxiliar, e dizem: *eu polia*, *eu poli* &c.

Premiar. Em rigor de grammatica deveria dizer-se *premio*, *premiás*, *premio* &c., visto pronunciar-se *premiar* e não *premeiar*; porem o uso quer que se diga: *eu premeio*, *tu premêas*, *elle premêa* &c., e já Vieira alguma vez o disse, se bem que são muitas mais aquellas em que disse *premio*, *premiás* &c.

Prover, verbo irregular, que se conjuga: *eu provejo*, *tu provês*, *elle provê* &c. Imperativo: *provê tu*, *proveja elle* &c.

Repetir conjuga-se do mesmo modo que *compito* e *advirto*; e assim diz-se: *eu repito*, *tu repetes*, *elle repete* &c.

Requerer por *pretender* faz na terceira pessoa do indicativo *elle requiere*, segundo a pratica constante dos Classicos do seculo 16.^o e ainda do 17.^o Tomado porem como verbo composto do verbo *querer*, e na significação de querer com repetição e empenho, dizem alguns modernos que se deve então pronunciar *elle requer*. Não sabemos em que bons exemplos se fundem, mas o certo é que o uso presente está a favor destes criticos.

Sentenciar. Seguindo o rigor da grammatica deveriamos conjugar *sentencio*, *sentenciás*, *sentencia* &c., e não *sentencio*, *sentencêas*, *sentencêa* &c., porque é pro-

et premiar

nunciação mais segura *sentenciar* do que *sentencear*; por-
rem o uso, arbitro supremo nestas materias, fez preva-
lecer a conjugação de *sentenceio* &c.

Sommar conjuga-se: *sommo*, *sommas*, *somma* &c.,
e não *summo*, *summas*, *summa*, como pretende Bluteau,
visto escrever *summar* e não *sommar*.

Sortir: neste verbo há uma especial irregularidade
que é causa de alguns erros, pronunciando-se em diver-
sas pessoas e linguagens umas vezes *sor*, e outras *sur*.
A regra dos orthographos para o acerto é, que quando de-
pois do *t* se seguir *i* se diga *sor*, v. g., *sortimos*, *sortis*,
sortia, *sortias* &c.; e quando depois do *t* se seguir *a* ou
e, se pronuncie *sur*; por exemplo, *surta elle*, *surte*, *sur-
tem* &c.

Sumir como o verbo irregular *fugir*, *dormir*, *engo-
lir*, e diz-se: *eu me sumo*, *tu te somes*, *elle se some* &c.

Titubiar e não *titubear*; porque a sua verdadeira
conjugação é: *titubio*, *titubias*, *titubia*, e não *titubeio*,
titubêas, *titubêa* &c.

Valer conjuga-se: *eu valho*, *tu vales*, *elle val*, e não
vale, como sempre diz Madureira e infinitos outros, que
nenhum caso fazem da auctoridade dos nossos Classicos,
que concordemente nunca disseram *vale* senão como no-
me. Veja-se a *Vieira* em infinitos logares, e por isso não
produziremos algum exemplo.

Por ultimo advertimos que em alguns verbos auxi-
liares se commettem na sua conjugação diversos erros.
Dizem os ignorantcs *samos* em lugar de *somos*. *Sejais vós*
no imperativo em vez de *sede vós*: *heide*, *hasde*, *hade*,
handem, em lugar de *hei*, *has*, *ha*, e *hão*; porque o *de*
nunca pertence ao verbo *haver*, mas ao outro que lhe
vai adiante, v. g., *hei de amar*, *hão de fugir* &c. Tam-
bem no preterito do verbo *ser* dizem *tu fostes*, devendo

dizer *tu foste*, porque terminando em *s* é só para o plural *vós fostes*. No conjunctivo em lugar de pronunciarem como *vós fordes*, dizem como *vós foreis*. Sirva esta advertencia de regra geral para todo o verbo de qualquer natureza que seja, não se confundindo nos preteritos a segunda pessoa do singular com a do plural, nem nos conjunctivos, terminando o seu futuro na segunda pessoa do plural, em *areis*, *ereis*, *ireis*, e *oreis*, devendo-se terminar em *ardes*, *erdes*, *irdes*, e *ordes*, v. g., *amardes* e não *amareis*; *fizerdes* e não *fixereis*; *ouvirdes* e não *ouvi-reis*; *fordes* e não *foreis* &c.

REFLEXÃO 10.^a

Em que, tratando-se de algumas figuras da dicção, se responde a algumas objecções que se porão á doutrina da Reflexão antecedente.

Contra algumas cousas que deixamos estabelecidas na Reflexão passada, pertencentes ao modo mais correcto de conjugar alguns verbos, se opporão aquelles que na sua pronunciação querem errar, defendendo-se com as liberdades de algumas figuras da dicção. Hão de dizer que por virtude da syncope se póde conjugar: como *vós louvares* ou *louvardes*; como *vós escreveres* ou *escreverdes*; como *vós reflectires* ou *reflectirdes*; e como *vós fores* ou *fordes* &c. A isto respondo, que assim é, que ha esta figura, mas que a não vejo praticada por aquelles que são os textos mais seguros da nossa linguagem, e que se em Vieira se acham alguns exemplos, são poucos a respeito

do numero infinito de vezes em que não usa desta chamada liberdade, de que os Classicos anteriores nunca se valeram.

Sim se valeram della nos tempos de outros verbos, e diziam [especialmente Barros com todos os bons da sua idade] *vós heis de estudar* ou *vós haveis de estudar* &c. Os que se lhe seguiram, como o Padre Vieira e os da sua escola, já raras vezes diziam *heis*, e o commum era pronunciar *haveis*. Até o reinado d'El-Rei D. João 2.^o era cousa mui frequente conjugar no futuro o verbo *dizer*, quando se lhe ajuntava algum pronome, por modo diversissimo do que agora se pratica já com o exemplo do insigne João de Barros.. Não pronunciavam aquelles antigos *dir-me-ha*, *dir-te-ha*, *dir-nos-hão*; mas *dizer-me-ha*, *dizer-te-ha*, *dizer-me-hão*. Nesta parte é que não só é louvavel, mas precisa a sincope, para seguirmos aos bons mestres, e não no tirar o *d* nas segundas pessoas do plural do futuro do conjunctivo em qualquer verbo.

Tambem antes de João de Barros se dizia: *elle faze*, *elle dize*, *elle lize*, *quere* &c., como se póde ver em escripturas antigas, e em alguns versos do Cancioneiro de Garcia de Rezende. Mas ha seculos que pela figura apocope se conjuga *elle faz*, *diz*, *luz*, *produz*, *quer* &c.

Outras figuras da dicção ha, que introduziram os nossos Classicos, e que nós ainda hoje conservamos, porque servem de dar variedade, graça e elegancia á Lingua. Por virtude da *subtracção* e *commutação* dizemos, á maneira dos bons mestres, v. g., *estou divertindo-me na minha quinta* ou *em a minha quinta*: *estou no paço* ou *em o paço*: *sirvo nas tropas* ou *em as tropas* &c. De qualquer destes modos são frequentes os exemplos seguros, se bem que hoje [não sei o porque] não vejo tão usada a preposição *em* junta aos articulos *o*, *os*, *a*, *as*, como os articulos *no*, *nos*, *na*, *nas*.

Por licença da figura *commutação* dizemos tambem, imitando aos antigos Classicos: *pelo mar* ou *por mar*; *pela terra* ou *por terra*: porem dizer *por o mar*, ou *por a terra* é erro crasso d'aquelles que hoje até se estranham na plebe. Por esta figura é que tambem se introduziram os verbos irregulares, dos quaes já fizemos menção.

Pela figura *subtracção* se conjugam os verbos em alguns tempos com particular graça e elegancia, subtraindo-lhes algumas letras, e acrescentando-lhes outras. E assim dizemos: *tu louvalo* e *tu o louvas*: *tú louvastelo* e *tu o louvaste*: *nós louvamolo* e *nós o louvamos*. Esta licença só tem logar quando as pessoas dos verbos acabam em *s*; então é que o subtrahimos, e em logar d'elle usamos de *l*. Porem quando as pessoas ou palavras do verbo acabam em *r*, como *louvar*, *querer* &c., subtrahe-se esta letra, e entram em seu logar dous *ll*, formando uma conjugação mais elegante, porque é imitar aos bons mestres dizer: *hade louvallo*, *hade querello*, e não *hade o louvar*, *hade o querer* &c.

Por liberdade desta figura é que a palavra *santo*, quando se ajunta aos nomes que começam por letra consoante, perde a letra *t*, e muda o *n* em *til*, ficando *são*, assim como *São Pedro*, *São João* &c. E' excepção desta regra *Santo Thomaz* e *Santo Thomé*, segundo os exemplos de Vieira no sermão do dito apostolo, escrevendo sempre *santo* e não *são*, e os nomes de santas, ainda que comecem por consoante. Igualmente por esta figura em nomes de dignidades e soberania, em vez de *grande* se diz *grão*; v. g., *grão mestre de Malta*, *grão prior do Crato*, *grão duque de Toscana*, *grão turco* &c.

Por occasião de tratarmos das diversas pronunciações que tem a Lingua portugueza, por causa das figuras da dicção, não deixaremos de dizer alguma cousa sobre a

apostropho ou retroversão, por conta da qual se commetem alguns erros ao pronunciar, quando mais se entende que se evitam. Na palavra *antontem* se persuadem muitos que ha pronunciação errada, devendo-se dizer *antehontem*; mas se a ha, erraram os que entre nós são textos da pronunciação correcta, porque acho nelles *antontem*: dizer *antes d'ontem* é fallar com o exemplo tirado do vulgo. Tem igualmente boas auctoridades a seu favor quem pronunciar e escrever por liberdade da *apostropho*, *atégora*, *atéqui*, *atéli*, em vez de *até agora*, *até aqui*, *até ali* &c. Seguro é tambem pronunciar *n'alguma occasião* em logar de *em alguma occasião*: *n'uma parte* em vez de *em uma parte*: *n'um sitio* em vez de *em um sitio*: *C'o sentido nisto* em logar de *com o sentido nisto*. Verdade é que esta licença tem uso muito mais seguro no verso que na prosa, se bem que nella não faltam bons exemplos, especialmente em nomes proprios de homens como *Gilianes* por *Gil Eannes*; *Pedralvares* por *Pedro Alvares*; *Marianna* por *Maria Anna* &c., ou em nomes de cidades que começam por vogal, e tem antes de si a preposição *de*, como v. g., *d'Evora*, *d'Obidos*, e não *de Evora*, *de Obidos* &c. Em alguns appellidos tambem achamos praticado o mesmo, como *d'Almeida* e não *de Almeida* &c. Nos relativos *estoutro* e *aquelloutro* é que não se achará o exemplo de *este outro*, *aquelle outro*; como diz um moderno academico, persuadindo-se que acerta em não usar da *apostropho*.

REFLEXÃO 11.^a

Em que se discorre sobre as pronunciações sordidas e obscenas, procedidas da Cacophonia, das quaes muitos advertidamente não querem ainda hoje fazer caso.

Os que em seus escriptos e conversações tem por um reparo pueril a censura das *cacophonias*, ou dizendo melhor *cacephaton*, não sei em que razão se fundam; não póde ser outra senão a falta de doutrina. Não desprezariam aquelles que cuidam em evitar certas obscenidades e sordidezas, procedidas das ultimas letras de umas palavras e das primeiras de outras, se soubessem que os antigos grammaticos, rhetoricos e oradores deixaram muito recommendado o evitar estas viciosas pronunciações. Como os que dellas não fazem caso são homens que só entram no numero da plebe litteraria, ser-nos-ha preciso para os convencer não fallarmos nós, mas sim aquelles cuja auctoridade ninguem ha que não respeite.

Muitas dicções ha [diz Quintiliano no L.^o 8.] que em tempos antigos não continham som e sentido escandaloso, ou porque aquelles que as diziam tinham mais innocencia, ou menos escrupulo. Porem depois que o uso moderno as condemnou, por despertarem idea de coisa sordida e obscena, é necessario conformar-se com elle. Assentando nesta doutrina, já Cicero tinha dito a Bruto: — «*Cum nobis non dicitur, sed nobiscum, quia si ita diceretur, obscenius concurrent litteræ.*»

Servio, commentando o verso 197 do L.^o 1.^o da Eneida, em que se lê *cum navibus*, diz: «*Cacephaton in sermone: quod fit, si cum particulam n littera sequa-*

tur.» Seguindo esta doutrina censura neste Epico *cum nomine, dorica castra, achaica castra, caeca caligine* &c. por conta da pronunciação de *cum no* e de *ca ca*. Pelo contrario louva-o no L.^o 8.^o quando fallando de *Caco* não usou deste nome proprio, mas disse *huic monstro*, para evitar uma sordida pronunciação: «*Bene mutavit in casum, in quo inerat turpis significatio.*» Quem ler pelos antigos grammaticos achará que elles censuram por este principio em Sallustio *ductare exercitus*; em Ovidio *glauca canentia*; em Tibullo *sicca canis* &c.

Passando dos criticos latinos aos italianos, reprehende a Crusca em Tasso o dizer *fu tuto, fu tota, cogl'amici, con noi, fiancuzo* &c. O cardeal Bembo nas suas *Prosas*, Monsenhor de la Casa no seu *Galateo*, e Panigarola illustrando a Demetrio Falerio, censuram em Ariosto, Dante e Boccacio semelhantes pronunciações, que despertam ideas deshonestas. Muito mais certamente poderiamos dizer nesta materia, porque não nos faltam criticos de diversas nações que para ella nos soccorram com muitos exemplos; porem cremos que bastarão estes para cuidarem os pouco escrupulosos em evitar as pronunciações viciosas.

Estas na Lingua portuguezá succedem, ou porque se pronuncia mal, ou porque as ultimas letras de uma palavra, juntas á primeira da que se segue, precisamente fazem uma pronunciação ou sordida ou obscena. V. g.; pronuncia-se culpavelmente mal, quando se não exprime bem a ultima letra do adverbio *porque*, seguindo-se o nome proprio *Abrahão, Agar* &c. De maneira que não havendo apostrofe ou synalefa, já a pronunciação fica soffrivel. Pelo contrario os cacophonias indispensaveis são aquellas que resultam precisamente de duas vozes, ainda que estas se pronunciem bem, como v. g., as jun-

to ao adverbio *não*, ou á particula *no*. Sirvam de exemplo estes dous versos de certo poeta moderno:

» *Has no dizer tantas graças,*

» *Que eu as não posso contar.»*

As outras cacophonias necessarias, que resultam do ajuntamento de outras vozes, e fazem pronunciações obscenas, pede a modestia que as deixemos em silencio; e quem dellas quizer exemplos, busque a Orthographia do Padre Madureira Feijó, e ha-os na pag. 147. Porem cremos que a nenhum leitor serão precisos, porque não ha quem não perceba a torpeza da consonancia no ajuntamento de certas syllabas.

REFLEXÃO 12.^a

Vocabulario de palavras, que correm presentemente com pronunciações diversas.

Promettemos no principio desta Segunda Parte dar a ler um vocabulario de vozes em cuja pronunciação ha muita variedade. Cumprimos a promessa, e nella parece-nos que faremos não leve serviço ao escriptor principiante, porque nesta collecção achará confirmada com exemplos de bons auctores a pronunciação genuina de muitas vozes que correm pronunciadas com bastante diversidade ainda entre os presados de cultos.

Muitas vezes não seguimos seus exemplos, porque o uso, arbitro tyranno das linguas vivas, fez com que

predominassem outras pronunciações. Onde porem o uso se não oppõe claramente á praxe dos sobreditos auctores, seguimo-los com religiosa veneração, e desprezamos os modos viciosos com que hoje muitos pronunciam, sem respeito á auctoridade de tão veneraveis mestres.

Temos observado que jámais se affastaram delles aquelles que nesta idade cuidaram em fallar com pureza a sua Lingua, seguindo-os fielmente na Orthographia, e por conseguinte na pronunciação. Taes foram o eloquente marquez de Valença D. Francisco de Portugal, e seu filho; o conde da Ericeira D. Francisco de Menezes; seu filho o marquez do Lourical; D. Jeronimo Contador de Argote, clerigo regular theatino; D. José Barboza, do mesmo instituto, e em fim outros muitos, dos quaes alguns ainda vivem, e nos ensinam a não sermos barbaros na lingua materna.

Lisonjeamo-nos de que este nosso trabalho não só será util, mas agradavel ao leitor, porque estando costumado a ler na Orthographia do Padre Madureira muitas sentenças sem provas, achará neste copioso vocabulario sempre bons exemplos que confirmem o que dizemos, assim nas pronunciações que se devem seguir, como nas que se hão de desprezar com os exemplos de outros escriptores de inferior ordem entre os criticos prudentes.

Advertimos por ultimo, que os auctores a quem seguimos, os citamos segundo as suas primeiras edições, que são as mais correctas, e não as outras que se seguiram. Já se vê que fallamos só daquelles, cujas obras mais de uma vez tem visto a luz publica, como são as de Camões, Vieira, Jacinto Freire, Francisco Rodrigues Lobo, Duarte Ribeiro, Gabriel Pereira &c. &c.

Abençoar achamos em diversos logares de Vieira: « *Abençoaria mil vezes o dia em que nasceu,* » tom. 9.

pag. 165. Não o temos ainda por antiquado; porem *abengoar* está mais em uso.

Abestruz, e não *avestruz* ou *avetrusz*, como erradamente diz o vulgo. Veja-se a Ferreira na sua Caça de Altenaria, pag. 107. cap. 6.

Abetarda é melhor pronúnciação do que *betarda*. Veja-se a Arte da Caça.

Abobada ou *aboboda*, e não *boveda*. Jacinto Freire no Liv. 2. da Vida de D. João de Castro n.º 82: «Era o eirado ou *abobada* da igreja» &c. Vieira no tom. 9.: «As *abobadas* do firmamento» &c. Neste auctor achamos também *aboboda*.

Abominoso por *abominavel* já se não diz, posto que se ache em Camões no cant. 10. est. 47.

Absolto e não *absolvido*. *Absolto* é pronúnciação commum nos Classicos; *absoluto* nos forenses.

Absolução e não *absolvição* diz Vieira no tom. 1. pag. 371: «Pertence a *absolução* ao prelado de toda a diecese» &c.

Abundoso por *abundante* já se não pronuncia. «Habitar os seus campos *abundosos*» achamos no Poema da Destruição de Hespanha, Liv. 3. est. 25. Seu auctor é de inferior nota.

Abusão por *abuso*, posto que seja de Barros, está antiquada. Como nome de uma figura da rhetorica é que se póde ainda dizer.

Açamar um animal e não *açaimar*, achamos nos bons antigos, porque chamavam *açamo* e não *açaimo* ao dito freio ou cabrestinho.

Acanhoar por *canhonear* creio que é pronúnciação introduzida depois que tivemos gazeta, porque antes della a não achamos.

Acarear por ganhar com caricias é pronúnciação que

tem maus exemplos. Deve-se dizer *acariciar*, e reservar *acarear* para o estilo forense.

Acção [termo forense] e não *aução*, postoque se ache a cada passo nas Ordenações do Reino. Está inteiramente antiquada, e só no vulgo tem uso.

Accomodamento de filhos e não *accomodação*, disse Vieira no tom. 2. pag. 447. « Nem satisfação de creados, nem *accomodamento* de filhos, nem disposição da casa » &c.

Acesoado por *saxonado* já se não diz, postoque se descubram exemplos em os nossos bons antigos.

Acobardar ou *acovardar*. Seguimos esta segunda pronunciação, por ser de Vieira, Fr. Luiz de Souza, Jacinto Freire e outros, seguindo a Camões, que na Canção 5.^a disse: « Andar meu bem buscando, e de o poder achar *acovardar-me*.

Acordo [termo forense] melhor do que *acordão*. Brachylogia de Principes, pag. 170: « Faça o principe misteriosos seus *acordos* » &c. Este livro em materia de linguagem não é desprezado dos criticos, como o são as outras obras de Fr. Jacinto de Deus.

Acostar: mais seguro do que *encostar*, com os exemplos de Vieira, que são em grande numero.

Acostumar tem melhores exemplos do que *costumar*. Corte na Aldeia pag. 319: « Para homens mal *acostumados* » &c. Observem-se os outros Classicos.

Acquirir e não *adquirir* é de todos os bons textos: Fr. Luiz de Souza e Jacinto Freire, auctores da primeira classe, darão mil exemplos.

Adaga confundem muitos com *adarga*. *Adaga* é uma cousa curta, que em outros tempos se trazia á cinta; *adarga* era uma casta de escudo.

Adem [ave] mais seguro do que *ade*: no plural *adens*. Vejam-se os auctores que escreveram sobre a caça.

Adevinhos e adevinhadores tem bons exemplos, mas a primeira pronúnciação ha de parecer a muitos antiquada.

Admirante por *admirador* traz D. Francisco Manuel nas suas Cartas: « Porque o officio de *admirante* me roubaram ha dias os discretos » &c. pag. 96. Será hoje arcaismo usar desta pronúnciação.

Advertimento por *advertencia* já se não diz, se bem o usou, alem de outros, D. Francisco Manuel nas Cartas, pag. 17.

Afeitar por *enfeitar* já se não usa, tendo aliás em seu favor os melhores Classicos.

Affavel e não *affabil*, como erradamente pertendem alguns, governando-se por se pronunciar *affabilidade*. O mesmo dizemos de *instavel*, *provavel* &c., não obstante dizer-se *instabilidade*, *probabilidade* &c.

Affligido tem mais a seu favor os Classicos do que *afflicto*. Só o ignorará quem delles não tiver lição.

Afiado e *afeado* tem grande differença. Cutello *afiado*: semblante *afeado*.

Afinar vozes, ouro, prata &c. tem melhores exemplos do que *refinar*.

Aformosentar por *aformosear* não é hoje pronúnciação segura.

Afracar por *afrouxar* é de João de Barros em diversos logares das suas Decadas. Hoje dizemos *fraquear*.

Afro por africano nem em poesia o sofremos. « Do *Afro* e asiatico hemispherio, » diz Landim no seu poema a S. João de Deus; mas é auctor sem credito.

Agrodoce. Achamos só *agridulce* em alguns bons auctores, um dos quaes é Fr. Antonio das Chagas, no que toca á propriedade da lingua. No tom. 2. das Obras Esprituaes diz elle na pag. 18: « Ainda que estas novas trazem seus *agridulces*. »

Ajustamento tem melhores exemplos do que *ajuste*, o qual nem Bluteau chega a trazer.

Alardo, mais do que *alarde*, era pronúncia dos nossos Classicos. « Nem eu serei tão atrevido, que faça *alardo* das obrigações » &c., D. Francisco Manuel, cart. pag. 20. O Padre Vieira usou do verbo *alardear* no tom. 6. pag. 296: « O prodigo porque no gastar e *alardear* » &c.

Alcaçar, *alcacer*, *alcazar* e *alcacere* se acha em bons auctores. Seguimos aos que disseram *alcaçar*.

Alcorça [massa feita de assucar] e não *alcorce*, como diz o vulgo. Galhegos no seu Templo da Memoria Liv. 4. pag. 159: « E alli suave a *alcorça* peregrina » &c.

Alfim por *emfim* é de Vieira em diversos logares: « *Alfim* Deus se tem declarado por nós » &c. Cartas, tom. 1. pag. 189. O Padre Bernardes nas suas obras segue em varias partes este grande Classico.

Algaravia e não *algarvia*, em quanto linguagem embaraçada e confusa. « Não imaginemos que aqui ha mais *algaravias* » &c. Bernardes, Luz e Calor, pag. 249.

Algazara e não *algazarra*, como erradamente pronuncia o vulgo. Veja-se a Vieira, Jacinto Freire e outros, que todos seguiram a Barros.

Algebista: outros dizem *algebrista*: alguns criticos usam desta segunda pronúncia para denotar o professor de algebra, sciencia mathematica; e da primeira para o que concerta ossos deslocados.

Alheação [do entendimento] e não *alienação* achamos nos bons textos. Esta segunda parece que está mais em uso.

Alimaria, posto que se ache em Barros, Camões e outros antigos de igual auctoridade, não se deve hoje dizer, mas *animaria*. *Alimaria* é mais erro crasso do que archaismo.

Aljofar e não *aljofre*, como diz o vulgo. No plural *aljofares* e não *aljofres*.

Almargem e não *á margem* diziam os nossos Classicos, na accepção de cavallo deitado ao campo. Barros na Decad. 4. pag. 277: « Alimarias que seus donos deitaram ao *almargem*. O Diccionario de Barboza, e a Amalthea Onomastica dizem o mesmo, porque *almargem* era um campo pequeno livre e inculto, para o qual lançavam os antigos a pastar as bestas inuteis. Porem *á margem* é o que presentemente se deve pronunciar pela força do uso.

Almazonas por *amazonas* achamos infinitas vezes no Padre Vieira, assim nos sermões como nas cartas, falando do grande rio da America.

Almirante e não *almeirante*, como diz o povo ignorante.

Almoço e *almorço* ambos tem exemplos que não se devem desprezar; porem o uso presente deu preferencia á primeira pronunciação.

Almotacé mais seguro do que *almotacel*, contra o parecer do Padre Madureira, ao qual fez mais peso a pronunciação do vulgo.

Alpiste, semente que se dá por sustento a alguns passaros: o vulgo diz *alpista*.

Alpondras chamavam os bons auctores ás pedras que servem para se atravessarem os rios: hoje prevalece dizer-se *Poldras*.

Altenaria [especie de caça] e não *altanaria*; assim como correctamente se diz *alteneiro* e não *altaneiro*.

Altibaixos e não *altos e baixos*. Sempre assim o disse o Padre Vieira. « Não lhe faltavam seus *altibaixos* em que poder tropeçar » &c., tom. 9. pag. 111.

Aluguer e não *aluguel*: ao Padre Bento Pereira ora

servia uma pronunção ora outra. *Aluguer* temo-lo por mais usado.

Alvenel [pedreiro] e não *alvinéo* disse Fr. Luiz de Souza, seguindo a pronunção dos antigos.

Amargo e *amargoso* querem os criticos que tenha differença. *Amargoso* applica-se no sentido de gosto, e *amargo* ao que afflige a alma. «O calix da ausencia era muito mais *amargo* para o seu coração.» Vieira tom. 1. pag. 948.

Amargor e não *amargoz*, como erradamente diz o vulgo.

Ambar e não *ambre*, de que erradamente usou Manuel Thomaz na sua *Insulana*.

Ambreta [flor] e não *ambrieta* continuam em dizer alguns criticos modernos, aos quaes segue Bluteau.

Ameças e não *ameços*, inda tem bons exemplos. Hoje parece que prevalece faz-lo do genero masculino, contra o uso mais commum do seculo passado, especialmente do Padre Vieira.

Ametade, melhor que *metade*. Sempre assim o achámos em Vieira.

Ametisto e não *ametista*, achamos usado por Vieira. «O undecimo de jacintho, o duodecimo de *ametisto*» tom. 4. pag. 191.

Ammoniaco [sal] e não *armeniaco* ou *armoniaco*, como diz o vulgo, e seguiu Madureira na sua *Orthographia*, não reflectindo em que esta palavra se deriva da grega *Ammon*, que quer dizer *areia*.

Amplitude e não *amplitud*. Assim o achamos em todos os bons. Do mesmo modo se devem pronunciar os nomes que os castelhanos acabam em *ud*. Exceptuam-se os proprios como *Abiud*, *Eliud*, *Catalayud* &c. Em Vieira são muitos os exemplos de *juventude*, *vicissitude*, *longitude*, *plenitude*, *latitude* &c.

Anegaça e não *negaça* ainda dizem muitos cultos, fundados nas auctoridades dos melhores Classicos, um dos quaes é o insigne Barros, que na Decad. 1.^a pag. 65 disse: «Quasi como que o queriam ter por *anegaça*.»

Anemone [flor] e não *anemona* ou *anemola*, como vulgarmente se pronuncia.

Ante, preposição latina, e *anti*, particula grega, confundem muitos em diversas palavras portuguezas, pronunciando-as já de um modo, já de outro. *Ante* val o mesmo que antes; e assim deve-se dizer *antemanhã*, *antecamara*, *antecessor* &c.: *anti* quer dizer o mesmo que *contra*; e assim deve-se pronunciar *antichristo*, *anticritico*, *antipapa* &c.

Antiado e não *enteado* se deve chamar ao filho que tem algum dos dous que entre si celebram matrimonio. Assim o achamos nos textos mais correctos; e com razão, porque val o mesmo que *antenato*, isto é; nascido antes da celebração daquelle matrimonio.

Antifrazis é de Fr. Luiz de Souza na sua Historia de S. Domingos, part. 1.^a pag. 2. *Antifrazi* é de Camões na Canção 9. est. 1.^a Outros pronunciam *antifraze*, assim como dizem *fraze*. Este modo é hoje o mais usado.

Aperrear e não *aporrear*, como traz erradamente Fr. Simão de Santa Catharina nas suas Orações Academicas, pag. 186. Este verbo parece a muitos que traz a sua analogia do nome castelhano *perro*.

Apertura por *aperto* em pergunta disse Vieira no tom. 1. pag. 778: «Mestre, é licito dar o tributo a Cesar ou não? Notai a *apertura* dos termos» &c.

Apodar confundem muitos com *podar*, quando *apodar* é dizer *apodos*, e *podar* é fazer poda nas vinhas.

Apostema mais seguro do que *postema*, seguindo a

analogia da voz grega *aphistamai*. Assim o achamos nos nossos livros de medicina, escriptos em boa linguagem. Brito no tom. 1. da Monarch Lusit. pag. 42 disse *postema*, mas não foi seguido por Vieira.

Apostrophe e *apostropho* não é o mesmo, como alguns imaginam, confundindo estas duas pronunciações. *Apostrophe* é uma figura da Rhetorica. *Apostropho* é na Orthographia a diminuição de uma vogal, quando se segue outra na dicção seguinte, v. g., *d' Almeida* em lugar de se pronunciar *de Almeida*.

Appendice parece melhor do que *appendix*, porque assim o achamos em muitos, e com frequencia nos dous Brandões, continuadores da Monarch. Lusit. Do mesmo modo se deve pronunciar *indice*, *pollice* e *duplice*.

Appetecivel ou *appetivel* e não *appetitivel*, como disse o bispo de Martiria no tom. 3. dos seus Sermões, pag. 248: «E como as cousas deste mundo sejam tão pouco *appetitiveis*» &c. Em outros logares diz o mesmo.

Aprenhenso por *aprehendido* apenas se sofre em linguagem poetica: «Mas *aprenhenso* nas mãos tudo era vão» achamos no poema da Destruição de Hespanha Liv. 2. est. 82.

Aquatil: sobre o plural deste nome ha diversas pronunciações: uns dizem *aquatis*, e outros *aquatiles*; todos erram, porque só se hade dizer *aquateis*, assim como *faceis*, *volateis*, *uteis* &c.

Arabico e não *arabigo* ou *arabe*, disse sempre Jacinto Freire, porem *arabigo* não é destituido de bons exemplos. *Arabe* tem melhor uso na poesia.

Archiduque. Esta palavra [segundo os melhores criticos] deve-se dizer com pronunciação de *q* e não de *x*, v. g., *arquiduque* e não *arxidunque*. A mesma regra serve para *archipelago*, *architecto*, *architriclino*, *archiman-*

drita, *archivo* &c. Mas entre outros o uso exceptuou *archeiro*, porque se ha de pronunciar como se levára *x*.

Arenoso melhor do que *areento*, especialmente em poesia.

Argutamente, antes do que *agudamente*, posto que esta segunda pronunciação seja tambem muito usada. Vieira no tom. 8. pag. 244 diz: « Replica *argutamente* o mesmo santo » &c. Camões no cant. 10. est. 5. tambem disse *arguto* e não *agudo*: « Mil praticas alegres se tocavam, Risos doces, subtís e *argutos* ditos » &c.

Armador-mór diziam os nossos Classicos: hoje o uso trocou para *armeiro-mor*, um dos officios da Casa Real.

Arrastar e não *arrastrar* acho nos bons textos. Vieira no tom. 1. pag. 38, fallando dos passos da Escripura mal trazidos, diz: « Uns vem acarretados, outros vem *arrastados* » &. Brito na Mon. Lusit. diz o mesmo: « Foi mandada *arrastar* pela cidade » &c.

Arredío [o que foge da companhia] e não *erradio*, como diz o vulgo. Vem da palavra antiga *arredo*, que valia o mesmo que *longe*. D. Francisco Manuel na *Tuba de Calliope*, Sonet. 30: « *Arredo* vá de nós o sestro agouro » &c.

Arrematar [por dar fim] é menos seguido do que *rematar*, que tem a seu favor muitos exemplos Classicos.

Arrumar e *arrimar* facilmente equivocam os que não cuidam na pronunciação correcta e genuina. *Arrimar* é pôr uma cousa a ter mão em outra, para que não cáia. « As eras não sobem sem as *arrimarem* » diz Chagas nas Cartas, pag. 120. *Arrumar* é pôr as cousas em boa ordem: D. Francisco Manuel na Carta de Guia, pag. 79: « A mulher que mais sabe não passa de saber *arrumar* uma arca de roupa branca. » No sentido figurado diz Vieira, tom. 10. pag. 263: « A *arrumação* das

Costas, assim do continente como das ilhas” &c. Jacinto Freire, Liv. 4. n. 110: “*Arrumando* as linhas em taboas differentes com tão miuda geographia” &c.

Arrotear o mato, e não *rotear*, diz Bluteau, seguindo a Francisco Rodrigues Lobo, postoque o não allegue.

Ascoso por *asqueroso* é usado pelos medicos, aos quaes seguiram alguns escriptores de inferior ordem.

Asmatico e não *asmento*: está antiquada esta pronunciação, não sendo em estilo familiar ou jocoso.

Aspectavel [cousa de se ver] e não *espectavel*, como muitos neste sentido erradamente escreveram.

Aspergido: quer *Madureira*, sem produzir mais exemplo que o seu, que se diga *asperso*, palavra que nem a achamos no Vocabulario do Padre Bluteau; *aspergido* sim.

Aspide e não *aspid* diz Brito na Monarch. tom. 1. pag. 97: “Nem crocodilo, nem *aspide* se viu mais naquella commarca” &c. Em poesia poderá dizer-se *aspid*.

Assegurar: melhor do que *segurar*. São muitos os exemplos de Jacinto Freire, Vieira e outros. Com a mesma coherencia pronunciavam *asseguradores* e não *seguradores*. Vieira no tom. 10. pag. 285 diz: “Os outros *asseguradores* só se obrigam a repôr e inteirar o cabedal perdido” &c.

Assento e não *assentamento*, postoque se ache em todos os Classicos, em qualquer das accepções em que hoje dizemos *assento*. Eu só usára de *assentamento* por synonymo de *moradia* nos livros d’El-Rei, que vencem os fidalgos segundo a sua classe.

Assoprar e *assopro* tem melhores exemplos do que *soprar* e *sopro*.

Assumpção e *ascensão* não é o mesmo: *ascensão* é

subir por virtude propria, e *assumpção* por alheia. Por isso se deve dizer *Ascensão* de Christo, e *Assumpção* de Maria.

Atheo e *atheista*: ambos usados por Vieira, Duarte Ribeiro de Macedo, e outros.

Atulhar melhor do que *entulhar*, na opinião daquelles que preferem a auctoridade de João de Barros, á de qualquer outro Classico: « Barcos pequenos *atulhados* de gente » &c., Decad. 2. pag. 8. Mas se preferem, como é justo, tão grande texto, deviam preferir *entulhar*, porque mais vezes usa Barros desta pronunciação, que da de *atulhar*. Na Decad. 1.^a pag. 196 diz elle: « *Entulhar* os paus de madeira entre um e outro, á maneira de tai-paes. » E na Decad. 2. pag. 16 diz tambem: « Ficando a cova *entulhada* mais dos corpos delles » &c. Donde tiramos que de uma ou outra pronunciação se póde seguramente usar.

Aureola e *areola*, sendo cousas diversissimas, equivocam frequentemente os ignorantes, tendo pelo mesmo uma ou outra pronunciação. *Aureola*, a que outros chamam tambem *laureola*, é o premio dos bemaventurados no ceu. *Areola* val o mesmo que canteiro de flores no jardim. Vieira tom. 6. pag. 212: « A repartição das *areolas* são os aposentos, os moradores as flores » &c.

Avançar não se deve confundir com *avençar*, como parece que Bluteau quer confundir. *Avançar* é accometer. Vieira tom. 1. pag. 93: « Investio e *avançou* a todas ellas intrepidamente » &c. *Avençar* é fazer *avença* e concerto com alguém sobre alguma cousa, v. g.: *avençou* com o rendeiro em dez alqueires de trigo &c.

Avantagem, posto que tenha bons exemplos, está antiquado. *Vantagem* é já de Vieira e de Francisco Rodrigues Lobo.

Avaro por *avarento* é de bons auctores, porem em poesia tem mais logar.

Avelutado e não *aveludado* se achará nos bons Clássicos, seguindo ao grande Barros, que na Decada 1.^a, pag. 52, disse: «A tecedura de setim *avelutado*» &c.; porem hoje devemos por uso dizer *aveludado*.

Avenidas e não *venidas* disse D. Francisco Manuel nas suas Cartas pag. 164: «Tenho ainda isto de soldado, tomar bem as *avenidas*» &c.

Azo e não *auzo*, como vulgarmente se diz [por dar occasião ou motivo]. D. Francisco Manuel nas suas Cartas, pag. 599, diz: «Nem *azo* teve para escrever» &c. Barros, Decad. 1.^a pag. 42: «Tendo a fim que fosse *azo* para elle mandar» &c. *Auzo* é atrevimento e confiança demasiada, mas não a achamos no Padre Bluteau.

Bailar e não *bálhar*, como erradamente pronuncia o vulgo.

Baixíos e *baixos*: uma e outra cousa lemos nos melhores auctores. Vieira no tom. 6. pag. 322 traz: «Os *baixíos* em que podia topar a arca de Noé» &c.; e Jacinto Freire, no Liv. 1. n. 37, diz: «Para que as naus que vinham por seu esteiro dessem resguardo ao *baixo*.»

Balio e não *bailio*, como diz Cardoso no seu Agiologio Lusitano, tom. 1. pag. 2: «*Bailio* e grão-comendador» &c.

Banido e *bandido*: tudo se póde dizer. Vieira no tom. 4. pag. 477 diz: «*Bandido* sempre leal» &c. A nossa Ordenação tit. 127. §. 10. diz: «O ascendente ou irmão do *banido*, ainda que o encubra, não tem pena alguma.»

Baptismo e *baptizar* se acha sempre em Vieira; mas nesta pronunciação não lhe observamos coherencia, porque sempre diz *Bautista* e não *Baptista*.

Baquetas e não *vaquetas* pronunciaram os Classicos para denotarem os paus com que se toca o tambor. Vem do italiano *bacchette*.

Barbaria e *berberia*: este segundo modo de pronunciar é de João de Barros; o primeiro é de todos os bons que se lhe seguiram. *Barbaria* por *barbaridade* é de Duarte Ribeiro de Macedo em diversos logares.

Barbaria chamam muitos ao logar onde se faz a barba, devendo dizer *barbearia*, deduzindo-o, não do nome *barba*, mas do verbo *barbear*.

Barbarico por *barbaro* usou Faria na sua Fonte de Aganippe Liv. 1.: «Do Goliath *barbarico* e soberbo» &c. Não basta este exemplo, a não ser em poesia.

Baronia em outro tempo era o mesmo que hoje *varonia*; mas presentemente *baronia* é o titulo ou dignidade de barão, e *varonia* a descendencia por *varão*.

Bateria melhor do que *bataria*, se bem que nos Classicos [talvez por erro da impressão] algumas vezes se acha *bataria*. Entre outros lembra-nos o exemplo de Vieira no tom. 9. pag. 311.

Bemgoarda e não *vanguarda* quer Bluteau que se pronuncie; mas não o admite o uso presente.

Bendado e *bendar* é de alguns auctores; porem *vendado* e *vendar* é o que prevalece.

Bilhafre e não *milhafre* diz Diogo Fernandes, auctor Classico em termos pertencentes á caça: «Já tem succedido algumas vezes trazerem a vender em logar de agores tartaranhas e *bilhafres*.» Art. da Caça, pag. 3. Francisco Rodrigues Lobo segue o mesmo: «não ha proposito que sáia das unhas destes *bilhafres*» &c. Corte na Aldeia Dialog. 3. pag. 61.

Bispal e *arcebispal* por episcopal traz muitas vezes Fr. Luiz de Souza na sua Historia: «Faltava o peixe

na mesa bispal » &c. Part. 2.^a pag. 76. Não é usado, devendo-o ser.

Blazão de armas, e não *brazão*, achamos na Ordenação do Reino Liv. 4. tit. 2. Não será reparavel pronunciar ou de um ou de outro modo; porem os que dizem *blazão* tem com effeito melhores exemplos, e basta o da Ordenação, livro da primeira auctoridade, quando se não oppõe o uso constante.

Boato e não *voato*, como erradamente pronunciam muitos, que não entram na classe do povo. Vieira tom. 3. pag. 288: « Para que todo o letrado christão não tema o boato destas opiniões » &c. E no tom. 4. pag, 398 diz tambem: « Minas desvanecidas com tanto *boato* » &c.

Boda nupcial diziam os bons antigos; mas tem prevalecido *voda*. Bluteau ainda a pronuncia com *b*, visto presentemente dizer-se *bodo* ao comer que se distribue em algumas festas publicas do reino.

Bombear é pronunciação que hoje prevalece mais do que *bombardear*, mas uma e outra se póde dizer. *Bombardear* tambem é usado; *esbombardear* não, posto que seja de Camões.

Boneco e não *bonecro*, como erradamente pronuncia o povo.

Bonze [sacerdote do Japão] e não *bonzo* achamos nos bons textos. Um destes é o Oriente Conquistado, obra que não cede em pureza de linguagem ás que temos de maior estimação.

Borborinha e não *borborinho* achamos sempre em Francisco Rodrigues Lobo, auctor que escreveo com muita correcção.

Borjaçote [figo] e não *berjaçote* á maneira do vulgo. Insulan. Liv. 10. est. 95: « Mas os vendimos de maior doçura com *borjaçotes* negros estimados &c.

Borôa e não *brôa*. Fr. Luiz de Souza na sua Historia, Part. 2.^a pag. 134: « O pão de milho a que chamam *borôa* » &c.

Braceagem, termo do *moedeiro*, e não *braçagem*, achamos em algumas leis.

? *Bramir* [voz de algumas feras] melhor do que *bramar*, se bem que em Gabriel Pereira e em outros poetas se acha esta terminação em *ar*.

Brancacenta [côr que tira a branco] não é pronúnciação usada: diz-se *esbranquiçada*.

Braveza do mar &c., melhor do que *bravura*, que se acha nos Dialogos de Fr. Heitor Pinto. Gabriel Pereira de Castro, e o Padre Lucena na vida de S. Francisco Xavier dizem *braveza*. Este auctor é de grande peso na materia de que tratamos.

Brindes e não *brinde* no singular. Assim o achamos nos bons escriptores.

Brutesco e não *grutesco*: assim o escreveu sempre Fr. Luiz de Souza.

Bufalo e não *bufaro* dizem os que fallam com cultura.

Cábala, com a segunda syllaba breve e não longa, segundo a pronúnciação de alguns.

Camaldulas [contas de rezar] e não *camandolas* é a pronúnciação genuina, por serem inventadas e feitas pelos monges Camaldulenses. Nem um só auctor de credito temos achado que lhes chame *Camandolas*.

Cambrai [pano] e não *cambraia*, pronúnciação que não se acha em auctores de boa nota.

Cancro [signo celeste] e não *cancer*. « Quiz Deus que o sol andasse dentro dos tropicos de *Cancro* e *Capricornio* » &c. Vieira tom. 1. pag. 265.

Carabina [arma de fogo] e não *clavina* ou *cravina*, porque vem da palavra franceza *carabins* ou *carabiniers*.